

Principais fatores de risco para vaginose bacteriana em mulheres: Uma revisão de literatura

Main risk factors for bacterial vaginosis in women: A literature review

Principales factores de riesgo de vaginosis bacteriana en mujeres: Revisión bibliográfica

Recebido: 17/05/2025 | Revisado: 27/05/2025 | Aceitado: 28/05/2025 | Publicado: 01/06/2025

Laureane Do Nascimento Costa

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7216-2946>
Centro Universitário Santa Maria, Brasil
E-mail: laureanec64@gmail.com

Alexsandra Laurindo Leite

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7322-4449>
Centro Universitário Santa Maria, Brasil
E-mail: alexsandralaurindo@gmail.com

Gislayne Tacyana Santos Lucena

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1833-9208>
Centro Universitário Santa Maria, Brasil
E-mail: gislaynetacyana@gmail.com

Jéssica Alves Moreira Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5088-7066>
Centro Universitário Santa Maria, Brasil
E-mail: jessica.alvesmoreira@hotmail.com

Rubivania Oliveira Leandro

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0042-4406>
Centro Universitário Santa Maria, Brasil
E-mail: rubivanialeandro1506@gmail.com

Resumo

O propósito deste estudo é evidenciar os principais fatores de riscos associados ao desenvolvimento de vaginose bacteriana em mulheres, por meio de uma revisão de literatura. realizada a partir de artigos selecionados nas bases SCIELO, BVS e PUBMED. Foram definidos como critérios de inclusão: artigos referentes ao tema, publicados entre os anos de 2020 a 2025. Em relação aos Critérios de exclusão: Foram excluídos os trabalhos que não correspondiam a temática e anterior à 2020. incluídos 20 artigos alinhados ao tema proposto. A partir dos resultados obtidos, observa-se que os fatores de risco associados a vaginose bacteriana incluem: uso de Diu, tabagismo, duchas vaginais, sexo vaginal com múltiplos parceiros, vestimenta. Essa condição pode aumentar o risco de complicações mais sérias, como (DIP), susceptibilidade a adquirir Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e risco maior de partos prematuros. Essas complicações pode prejudicar o psicológico e a autoestima, influenciando diretamente a qualidade de vida e as relações interpessoais. Conclusão, é essencial aprofundar o conhecimento sobre essa condição, promovendo orientações voltadas à prevenção, baseadas nos fatores de riscos identificados, e garantido o acesso a tratamentos adequados e eficazes, essas medidas são essenciais para prevenir a incidência da infecção e melhorar a qualidade de vida da mulher.

Palavras-chave: Flora vaginal; Fatores de risco; Vaginose bacteriana.

Abstract

The purpose of this study is to highlight the main risk factors associated with the development of bacterial vaginosis in women, through a literature review. carried out from articles selected from the SCIELO, BVS and PUBMED databases. The inclusion criteria were: articles on the subject, published between 2020 and 2025. With regard to exclusion criteria: criteria were defined : articles related to the theme, published between 2020 and 2025. Regarding the Exclusion Criteria: Works that dipapers that did not correspond to the theme and prior to 2020 were excluded. 20 papers aligned with the proposed theme were included. From the results obtained, it can be seen that the risk factors associated with bacterial vaginosis include: use of an IUD, smoking, vaginal douches, vaginal sex with multiple partners, clothing. This condition can increase the risk of more serious complications, such as PID, susceptibility to acquiring Sexually Transmitted Infections (STIs) and an increased risk of premature birth. These complications can damage psychological and self-esteem, directly influencing quality of life and interpersonal relationships. In conclusion, it is essential to deepen knowledge about this condition, promoting guidelines aimed at prevention, based on the risk factors identified, and ensuring access to appropriate and effective treatments, these measures are essential to prevent the incidence of infection and improve women's quality of life.

Keywords: Vaginal flora; Risk factors; Bacterial vaginosis.

Resumen

El objetivo de este estudio es destacar los principales factores de riesgo asociados al desarrollo de vaginosis bacteriana en la mujer, a través de una revisión bibliográfica realizada a partir de artículos seleccionados de las bases de datos SCIELO, BVS y PUBMED. Los criterios de inclusión fueron: artículos sobre el tema, publicados entre 2020 y 2025. Criterios de exclusión: Fueron excluidos los artículos que no correspondían al tema y fueron publicados antes de 2020. Fueron incluidos 20 artículos alineados con el tema propuesto. A partir de los resultados obtenidos, se puede observar que los factores de riesgo asociados a la vaginosis bacteriana incluyen: uso de DIU, tabaquismo, duchas vaginales, sexo vaginal con múltiples parejas, ropa. Esta afección puede aumentar el riesgo de complicaciones más graves, como la enfermedad inflamatoria pélvica, la propensión a contraer infecciones de transmisión sexual (ITS) y un mayor riesgo de parto prematuro. Estas complicaciones pueden dañar la psicología y la autoestima, influyendo directamente en la calidad de vida y las relaciones interpersonales. En conclusión, es fundamental profundizar en el conocimiento de esta patología, promoviendo pautas dirigidas a la prevención, basadas en los factores de riesgo identificados, y garantizando el acceso a tratamientos adecuados y eficaces. Estas medidas son esenciales para prevenir la incidencia de la infección y mejorar la calidad de vida de las mujeres.

Palabras clave: Flora vaginal; Factores de riesgo; Vaginosis bacteriana.

1. Introdução

A infecção por vaginose bacteriana (VB) tem maior prevalência em mulheres de idade reprodutiva, ocorre por um desequilíbrio da flora vaginal, costuma se manifestar com sintomas bem característicos, como um corrimento mais abundante de cor branco-acinzentado com bolhas, além de odor de peixe podre, a redução de lactobacilos torna a vagina mais vulnerável, permitindo um crescimento excessivo de bactérias anaeróbicas, que eram minoritários na microbiota, como *Gardnerella vaginalis*, *Atopobium vaginae*, *Ureaplasma urealyticum*, *Mycoplasma hominis*, *Prevotella*, *Peptoniphilus*, *Megasphaera*, *Mobiluncus*, que se tornam dominantes, contribuindo para o desenvolvimento do patógeno (Morril *et al.*, 2020).

Assim, ela está associada a mudanças patológicas e como complicações na gestação, pode gerar gravidez ectópica, ruptura prematura de membranas, trabalho de parto prematuro, doença inflamatória pélvica, além de aumentar a vulnerabilidade a Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) como Human Immunodeficiency Virus (HIV) (Camargo *et al.*, 2023). A presença dessa infecção está relacionada a vários fatores de riscos, são aqueles que aumentam o pH vaginal: tabagismo, dispositivo intrauterino (DIU), duchas vaginais, higiene inadequada da área, queda da imunidade, roupas muito apertadas, sexo desprotegido e múltiplos parceiros sexuais. Nota-se que o estilo de vida da mulher exerce uma influência significativa sobre sua saúde geral, sendo fundamental que ela identifique cenários que podem resultar na possível aquisição de contrair essa patologia (Santos *et al.*, 2023).

Para tanto, o diagnóstico é feito através do método padrão ouro, o mais preciso para diagnosticar a vaginose bacteriana (VB), a qual é baseado na análise de amostras vaginais coradas por Gram, que podem ser incluídas ou não no sistema de pontuação de Nugent. Esse processo requer a observação e contagem de lactobacilos, assim como das espécies *Gardnerella vaginalis*, *Mobiluncus* e *Bacteroides*. Para isso, é essencial um laboratório qualificado para realizar a identificação correta dessas bactérias. Além do mais, os critérios clínicos de Amsel são eficientes para o diagnóstico da VB, visto que a presença de três dos quatro critérios é suficiente para considerar o resultado positivo para a condição (Camargo *et al.*, 2023).

Contudo, metade das mulheres que atendem aos critérios diagnósticos permanece assintomática, a razão pela qual algumas delas manifestam sintomas enquanto outras não, permanece indefinida (kwak ., *et al* 2023).

Este estudo busca avaliar a ampliação do conhecimento sobre as consequências dessa infecção em mulheres expostas a fatores associados. Nessa situação, discorre a importância de identificar os principais fatores de risco para prevenir e melhorar a qualidade de vida da mulher.

No entanto a VG é uma etiologia mais comum, mencionada de corrimento vaginal, seus impactos na saúde feminina vão além dos sintomas imediatos, como corrimento vaginal e desconforto. Assim, em mulheres que apresentam esses fatores correlacionados, a condição pode aumentar significativamente o risco de complicações mais sérias, como doenças inflamatórias pélvicas, risco de susceptibilidade a adquirir Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), infecções pós-operatórias e até mesmo

partos prematuros. Além disso, a VB recorrente pode prejudicar o psicológico e a autoestima, influenciando diretamente a qualidade de vida e as relações interpessoais.

Desse modo, o presente estudo tem como finalidade descrever acerca da Vaginose bacteriana baseadas nos fatores de riscos identificados.

2. Metodologia

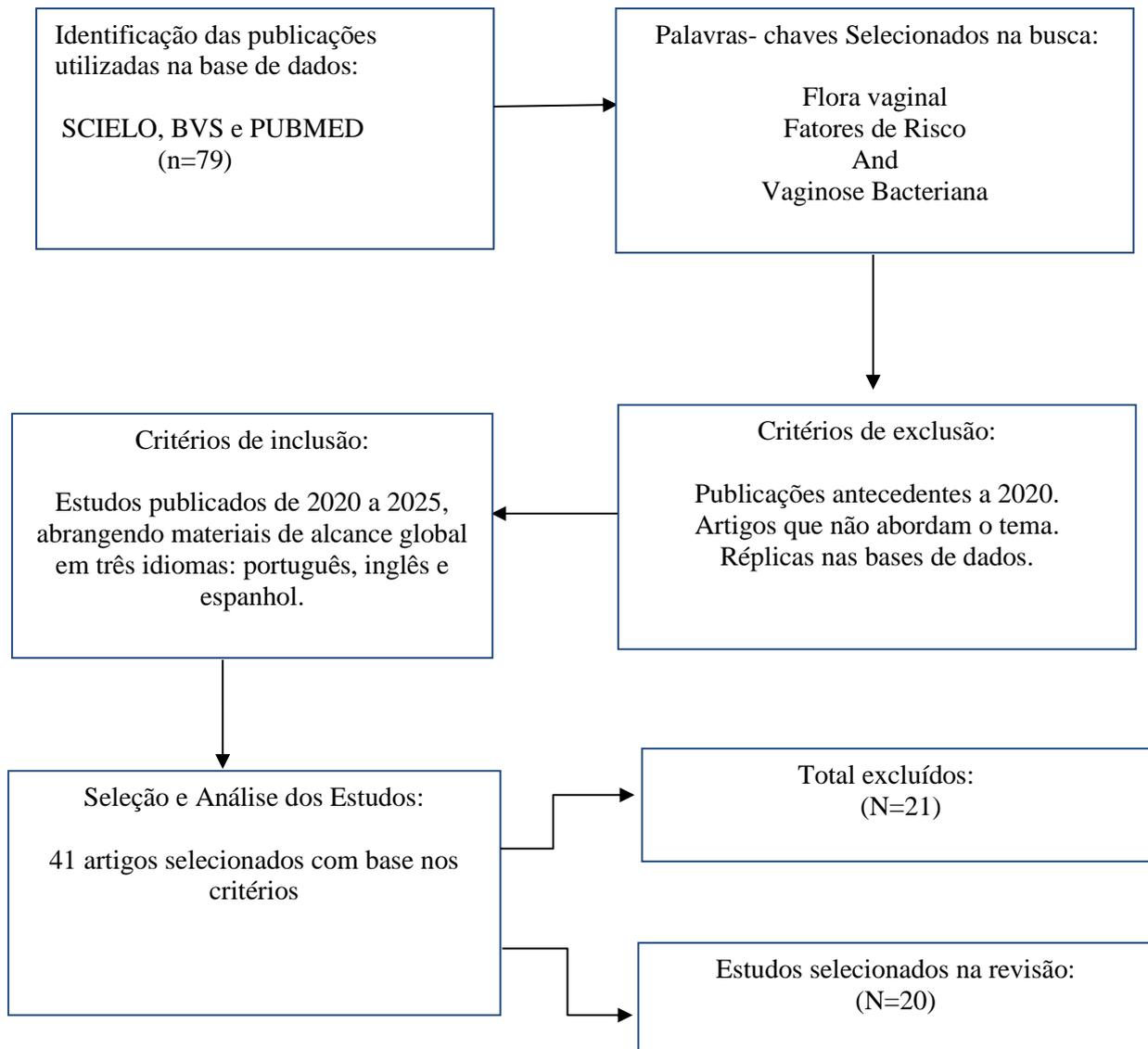
Para realizar uma revisão da literatura, é necessário seguir uma série de estratégias bem estabelecidas, inicia-se com a formulação de uma pergunta norteadora clara e precisa, em seguida são definidas as estratégias de busca, os critérios de inclusão e exclusão dos estudos, realizar a seleção dos artigos mais relevantes, categorizá-los de maneira organizada, analisar os resultados obtidos e, por último, a apresentação da revisão (Baratieri *et al.*, 2019).

as bases de dados utilizados para realização dessa pesquisa foram coletados através da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), e Produções científicas a Natural Library of Medicine (PUBMED). Com base nos descritores cadastrados no DeCS: “Flora Vaginal”, “Fatores de Risco”, “Vaginose Bacteriana”. Associados com o operador booleano “AND”.

Ademais, foram selecionados os seguintes critérios de inclusão: artigos completos dos últimos 5 anos, nos idiomas inglês, português e espanhol. E, foram excluídos os trabalhos que não correspondiam a temática, como teses, monografias, dissertações, assim como aqueles que não foram publicados nos últimos cinco anos, foram descartados.

Durante as pesquisas do levantamento bibliográfico, foram encontrados inicialmente 79 artigos por meio dos descritores estabelecidos. Após a leitura e análise dos títulos, resumos e conteúdos completos, 13 trabalhos foram excluídos por se tratarem de duplicatas, totalizando 66 artigos únicos. Desses, 25 foram descartados por não atenderem aos critérios e objetivos específicos da pesquisa. Entre os 41 restantes, 21 foram excluídos por estarem fora do período definido para a pesquisa. Ao final desse processo seletivo, 20 artigos foram considerados adequados e relevantes, sendo utilizados na construção deste estudo, conforme demonstrado no fluxograma (Figura 1).

Figura 1 – Descrição de base de dados e termos utilizados no estudo sobre vaginose bacteriana.



Fonte: Autoria própria (2025).

A Figura 1 demonstra o fluxograma que descreve, de maneira objetiva, as bases de dados consultadas e os descritores utilizados no processo de seleção dos estudos. Essa etapa ajuda a entender a consistência do método adotado na pesquisa, evidenciando a escolha final de 20 (vinte) artigos para compor a análise.

3. Resultados

Os artigos científicos que se encaixaram nos critérios estabelecidos compõem a amostra final desta pesquisa, sendo apresentados de forma organizada no Quadro 1 para facilitar a compreensão da análise realizada.

Quadro 1 - Apresentação dos principais artigos utilizados na revisão de literatura, contendo Autor, Ano de publicação, Título do artigo, Objetivos e Fatores relacionados.

	Título do artigo	Objetivo	Fatores relacionados
Abou Chacra L., et al. (2022)	Bacterial Vaginosis: What Do We Currently Know?.	Verificar os conhecimentos atuais sobre a fisiopatologia, diagnóstico, implicações clínicas e estratégias terapêuticas relacionadas à vaginose bacteriana.	Desequilíbrio da microbiota, uso de antibióticos, múltiplos parceiros sexuais, higiene íntima inadequada.
Bardin MG, et al. (2022)	Habits of Genital Hygiene and Sexual Activity among Women with Bacterial Vaginosis and/or Vulvovaginal Candidiasis.	Avaliar a higiene genital entre mulheres com e sem vaginose bacteriana (VB) e/ou candidíase vulvovaginal (CVV).	Higienização excessiva da região íntima, uso de duchas vaginais, frequência de relações sexuais e uso de roupas apertadas.
Braunstein, M., & Selk, A. (2024)	Bacterial vaginosis.	Apresentar uma visão clínica atualizada sobre a vaginose bacteriana, destacando diagnóstico, tratamento e resultados para a saúde da mulher.	Relações sexuais sem preservativo, múltiplos parceiros, uso de duchas vaginais, desequilíbrio do microbioma vaginal.
Colonna C, et al. (2024)	Amsel Criteria.	O objetivo deste estudo é analisar criticamente os métodos diagnósticos disponíveis para vaginose bacteriana, com ênfase nos critérios de Amsel e no sistema de pontuação de Nugent, buscando compreender suas aplicabilidades clínicas, limitações e impactos na saúde reprodutiva feminina.	Desequilíbrio da microbiota, prática sexual desprotegida, uso de antibióticos.
Delgado-Díaz DJ, et al. (2020)	Distinct Immune Responses Elicited From Cervicovaginal Epithelial Cells by Lactic Acid and Short Chain Fatty Acids Associated With Optimal and Non-optimal Vaginal Microbiota.	Avaliar como os metabólitos da microbiota vaginal influenciam a resposta inflamatória em casos de vaginose bacteriana.	Redução de lactobacilos, presença de metabólitos inflamatórios.
Ding C, et al. (2021)	Bacterial Vaginosis: Effects on reproduction and its therapeutics.	Analisar a associação entre a vaginose bacteriana e os desfechos reprodutivos adversos, destacando o papel do desequilíbrio da microbiota vaginal e a relevância do diagnóstico precoce na preservação da fertilidade feminina.	Alterações na microbiota, práticas sexuais desprotegidas, histórico de infecções vaginais.
González-Mustri K, et al. (2024)	Frequency and molecular detection of Gardnerella vaginalis in a third level institute.	Determinar a frequência de G. vaginalis por amplificação de ácido nucleico usando reação em cadeia da polimerase (PCR) em amostras cervicovaginais de pacientes atendidas em um instituto de terceiro nível.	Atividade sexual, histórico de infecções vaginais e uso de duchas vaginais.
Ignacio M, et al. (2023)	Fatores associados à vaginose bacteriana em mulheres com práticas homossexuais, bissexuais e heterossexuais.	analisar os fatores associados à vaginose bacteriana em mulheres com diferentes práticas sexuais.	Prática sexual entre mulheres, múltiplos parceiros, ausência de uso de preservativo, duchas vaginais. Disbiose vaginal.

Ng BK, et al. (2023)	Maternal and fetal outcomes of pregnant women with bacterial vaginosis.	Avaliar os desfechos maternos e fetais em gestantes diagnosticadas com vaginose bacteriana.	Infecção de modo prévia por vaginose bacteriana, idade materna, histórico obstétrico.
O'Hanlon, D. E. et al. (2020)	Asymptomatic Bacterial Vaginosis Is Associated With Depletion of Mature Superficial Cells Shed From the Vaginal Epithelium.	Investigar a relação entre a vaginose bacteriana assintomática e a perda das células superficiais maduras do epitélio vaginal, buscando entender melhor os mecanismos celulares envolvidos na condição.	Alterações na maturação e descamação do epitélio vaginal, impacto no equilíbrio da microbiota.
Ramos LP, et al. (2022)	Atividade antagônica de <i>Lactiplantibacillus plantarum</i> 6.2 extraído da fermentação do cacau e seu sobrenadante sobre <i>Gardnerella vaginalis</i> .	Avaliar a atividade antagonista da cepa <i>Lactiplantibacillus plantarum</i> 6.2, isolada da fermentação do cacau, e de seu sobrenadante sobre <i>Gardnerella vaginalis</i> .	Disbiose vaginal.
Ravel J, et al. (2021)	Vaginose bacteriana e sua associação com infertilidade, endometrite e doença inflamatória pélvica.	associação entre a vaginose bacteriana e complicações reprodutivas, incluindo infertilidade, endometrite e doença inflamatória pélvica.	Desequilíbrio da microbiota vaginal, histórico prévio de vaginose bacteriana, práticas sexuais desprotegidas.
Sá Marques CA, et al. (2024)	Atividade antimicrobiana de <i>shinus terebinthifolia</i> Raddi metronidazol, clindamicina e contra <i>Lactobacillus gasseri</i> Lauer and Kandler, in vitro, e suas implicações na vaginose bacteriana recidivante.	O presente estudo teve por objetivo determinar a capacidade da Clindamicina creme vaginal, do Metronidazol gel vaginal e do <i>S. terebinthifolia</i> Raddi gel vaginal em inibir o crescimento ou preservar a população dos microrganismos <i>Lactobacillus gasseri</i> ATCC 19992 in vitro.	Uso indiscriminado de antibióticos, desequilíbrio da microbiota vaginal.
Sousa, L. G. V., Pereira, S. A., & Cerca, N. (2023)	Fighting polymicrobial biofilms in bacterial vaginosis. Microbial biotechnology.	Buscar abordagens terapêuticas inovadoras voltadas para o combate aos biofilmes polimicrobianos envolvidos na patogênese da vaginose bacteriana.	Persistência e recidiva da infecção associadas à presença de biofilmes resistentes.
Vodstrcil, L. A. et al. (2021)	. Bacterial vaginosis: drivers of recurrence and challenges and opportunities in partner treatment.	O estudo teve como propósito explorar os fatores que contribuem para a recorrência da vaginose bacteriana (VB), analisando especialmente os desafios e possibilidades envolvidas no tratamento de parceiros sexuais, uma abordagem ainda pouco padronizada na prática clínica.	Relações sexuais desprotegidas, reinfeção por parceiro não tratado, desequilíbrio da microbiota vaginal.

Fonte: Autoria própria (2025).

Ramos *et al.* (2022) Destaca que a vaginose bacteriana é uma disbiose, caracterizada pela diminuição de lactobacilos, e por uma desordem complexa da microbiota vaginal, no qual organismos como *Gardnerella vaginalis*, entre outros anaeróbicos assumem um papel predominante, resultando no quadro da infecção vaginal. Prevalente em mulheres de idade reprodutiva, sua etiologia ainda não é totalmente compreendida, e se não tratada pode causar danos à saúde das portadoras.

De acordo com o estudo realizado por Abou Chacra *et al.* (2022), o qual ressaltou que sua origem, ainda que seja desconhecida, pesquisas sugerem que sua origem é resultante de múltiplos fatores que favorecem VB, quando o organismo está debilitado, uso de métodos contraceptivos invasivos, diversas relações sexuais desprotegidas, mudanças hormonais, gravidez ou até o ciclo menstrual, desta maneira deixando o ambiente favorável e as bactérias presentes se multiplicam levando ao quadro da infecção.

Nessa mesma linha, Bardin *et al.* (2022), Braunstein *et al.* (2024) e Colonna *et al.* (2024) relatam que os fatores de risco associados à VB são múltiplos e entrelaçam aspectos sociais, biológicos e comportamentais. Práticas como o uso de duchas vaginais,

a presença de dispositivos intrauterinos (DIUs), o hábito de fumar, a imunossupressão e a diversidade de parceiros sexuais são elementos que favorecem o surgimento da infecção. Ainda, condições socioeconômicas desfavoráveis e baixo nível educacional se mostram relevantes para o aumento da incidência, refletindo a vulnerabilidade social na saúde íntima.

Além disso, como enfatizado por Ignacio et al. (2023), e Sá Marques et al. (2024), O ciclo menstrual, o uso frequente de protetores diários, além do tratamento com antibióticos de amplo espectro, contribuem para a modulação negativa da microbiota vaginal, promovendo alterações no pH e favorecendo a colonização bacteriana patológica. Este cenário é ainda mais crítico em gestantes, que apresentam maior predisposição à VB, e em mulheres imunossuprimidas, nas quais a capacidade de resposta do organismo se encontra diminuída, comprometendo o controle da flora vaginal.

Embora ainda haja divergência quanto à classificação da VB como uma IST, evidências apontam para o papel da transmissão sexual na sua etiologia. A semelhança entre os microbiomas da uretra e do sulco balanoprepucial de parceiros e o microbioma vaginal de mulheres com VB reforça essa hipótese, além do impacto do pH alcalino do sêmen na desestabilização do ambiente vaginal, conforme evidenciado nas pesquisas de O'Hanlon et al. (2020) e Vodstrcil et al. (2021).

Além disso, conforme enfatizado por Ravel et al (2021), embora a VB não seja formalmente classificada como uma Infecção Sexualmente Transmissível (IST), há evidências de que o comportamento sexual desempenha papel importante na sua dinâmica. A similaridade entre os microbiomas uretral e balanoprepucial masculinos com a microbiota de parceiras com VB sugere um intercâmbio microbiano relevante para a manutenção da infecção. A alcalinidade do sêmen, por sua vez, altera o pH vaginal, facilitando a proliferação de microrganismos anaeróbicos e, conseqüentemente, o desenvolvimento da VB.

Clinicamente, a VB pode se manifestar com sinais e sintomas como corrimento anormal, odor fétido, irritação e queimação vaginal, embora aproximadamente 50% das mulheres acometidas sejam assintomáticas, o que torna o diagnóstico muitas vezes incidental durante consultas ginecológicas de rotina. (Ding, Chuanfeng et al. (2020).

Além disso, a fisiopatologia da VB envolve a degradação de glicoproteínas epiteliais pela ação de sialidase, produção de aminas voláteis, alteração do pH e resposta inflamatória, com aumento de citocinas e recrutamento de neutrófilos, o que além de perpetuar o desequilíbrio da microbiota, compromete a integridade do epitélio vaginal. (Delgado-Díaz et al. (2020)

Adicionalmente mencionado por Sousa et al. (2023), a presença do DIU se destaca como um fator de risco relevante, pois a formação de biofilmes nos dispositivos intrauterinos facilita a resistência bacteriana tanto frente aos antimicrobianos quanto às defesas naturais do organismo. O ambiente formado é altamente propício ao crescimento bacteriano, dificultando o controle da infecção.

Segundo Ng Bk et al. (2023), durante a gestação, a VB merece atenção especial, visto que o desequilíbrio da flora vaginal pode levar a complicações perinatais, como parto prematuro, aborto espontâneo e infecções no período pós-parto (Bezerra et al., 2024). Além disso, a condição contribui para o aumento da suscetibilidade a infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), como gonorreia, *Mycoplasma genitalium*, herpes simples tipo 2 (HSV-2), HPV e HIV, potencializando os riscos obstétricos e ginecológicos.

Com base nas evidências analisadas, é possível afirmar que a atividade sexual exerce um papel importante no surgimento e na recorrência da vaginose bacteriana (VB), ainda que não seja o único fator determinante. Pesquisas microbiológicas e epidemiológicas sugerem que o microbioma do parceiro sexual pode contribuir diretamente para o desequilíbrio da flora vaginal. Estudos apontam que as comunidades bacterianas presentes no sulco balanoprepucial e na uretra de parceiros masculinos guardam semelhanças com o microbioma vaginal de mulheres com diagnóstico de VB, o que fortalece a hipótese de transmissão ou influência mútua entre os microbiomas (González-Mustri et al., 2024).

Do ponto de vista de Ding, Chuanfeng et al. (2020), o pH alcalino do sêmen, que gira em torno de 7,2, pode interferir na acidez natural da vagina, criando um ambiente propício à proliferação de bactérias anaeróbicas micro-organismos frequentemente associados à disbiose vaginal. A exposição repetida a esse ambiente, especialmente em contextos de relações sexuais frequentes e

desprotegidas, tende a comprometer ainda mais o equilíbrio da microbiota local.

Segundo discutido por Vodstrcil et al. (2021), a utilização consistente de preservativos se mostra uma estratégia eficaz na prevenção da VB. O estudo reforça que a proteção durante as relações sexuais está diretamente associada a uma menor incidência da condição, sendo uma medida preventiva relevante. Ainda assim, fatores como a multiplicidade de parceiros, práticas sexuais sem proteção e alterações frequentes do pH vaginal permanecem como influências significativas para o desenvolvimento da VB, indicando a necessidade de um olhar ampliado sobre o comportamento sexual e a saúde íntima.

4. Considerações Finais

O estudo de análises detalhadas dos artigos, revelou os principais fatores de riscos associados a vaginose bacteriana em mulheres. Que incluem: uso de Diu, tabagismo, duchas vaginais, sexo vaginal com múltiplos parceiros, imussupressão, vestimenta. Ademais, observamos que alguns desses fatores de risco apresentam maior relevância em períodos específicos do ciclo reprodutivo feminino. Essa constatação reforça que a maioria das mulheres, em algum momento da vida, vivenciará pelo menos um episódio de vaginose.

A VB é uma infecção bacteriana bastante frequente entre as mulheres de idade reprodutiva, contudo, esses fatores aumentam o risco de ocorrência da infecção, gerando desconfortos e possíveis complicações. É extremamente relevante a identificação precoce dos fatores de risco para prevenir tanto a infecção quanto novos episódios de VB.

Desse modo, é essencial aprofundar o conhecimento sobre essa condição, promovendo orientações voltadas à prevenção, baseadas nos fatores de riscos identificados, e garantido o acesso a tratamentos adequados e eficazes, essas medidas são essenciais para prevenir a incidência da infecção e melhorar a qualidade de vida da mulher.

Referências

- Abou Chacra, L., Fenollar, F., & Diop, K. (2022). Bacterial Vaginosis: What Do We Currently Know?. *Frontiers in cellular and infection microbiology*, 11, 672429. <https://doi.org/10.3389/fcimb.2021.672429>
- Baratieri, T., & Natal, S. (2019). Ações do programa de puerpério na atenção primária: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 24(11), 4227–4238. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182411.28112017>
- Bardin, M. G., Giraldo, P. C., Benetti-Pinto, C. L., Sanches, J. M., Araujo, C. C., & Amaral, R. L. G. D. (2022). Habits of Genital Hygiene and Sexual Activity among Women with Bacterial Vaginosis and/or Vulvovaginal Candidiasis. Hábitos de higiene genital e atividade sexual entre mulheres com vaginose bacteriana e/ou candidíase vulvovaginal. *Revista brasileira de ginecologia e obstetria : revista da Federacao Brasileira das Sociedades de Ginecologia e Obstetria*, 44(2), 169–177. <https://doi.org/10.1055/s-0041-1741536>
- Braunstein, M., & Selk, A. (2024). Bacterial vaginosis. *CMAJ : Canadian Medical Association journal = journal de l'Association medicale canadienne*, 196(21), E728. <https://doi.org/10.1503/cmaj.231688>
- Colonna, C., & Steelman, M. (2023). Amsel Criteria. In *StatPearls*. StatPearls Publishing. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/31194459/>
- Cristina de Camargo, K., Ribeiro Figueiredo Alves, R., & Aparecida Saddi, V. (2023). Prevalência e fatores associados à vaginose bacteriana em mulheres no Brasil: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 35. <https://doi.org/10.5327/DST-2177-8264-2023351223>
- Delgado-Diaz, D. J., Tyssen, D., Hayward, J. A., Gugasyan, R., Hearps, A. C., & Tachedjian, G. (2020). Distinct Immune Responses Elicited From Cervicovaginal Epithelial Cells by Lactic Acid and Short Chain Fatty Acids Associated With Optimal and Non-optimal Vaginal Microbiota. *Frontiers in cellular and infection microbiology*, 9, 446. <https://doi.org/10.3389/fcimb.2019.00446>
- Ding, C., Chan, Y., Wu, X., Xu, Y., Cai, Y., & Liu, X. (2021). Bacterial vaginosis: Effects on reproduction and its therapeutics. *Journal of Gynecology Obstetrics and Human Reproduction*, 50(9), 102174. <https://doi.org/10.1016/j.jogoh.2021.102174>
- González-Mustri, Katherine & Guerra-Infante, Fernando & Villeda-Rangel, Graciela & López, Marcela. (2024). Frequency and molecular detection of *Gardnerella vaginalis* in a third level institute. 37. 10.24875/PERE.M24000001
- Ignacio, M. A. O., Buesso, T. S., Morales, J. A. P., Silva, M. C., da Silva, M. G., & Duarte, M. T. C. (2023). Factors associated with bacterial vaginosis in women with homosexual, bisexual and heterosexual practices. *The Brazilian journal of infectious diseases : an official publication of the Brazilian Society of Infectious Diseases*, 27(3), 102760. <https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.102760>
- Morrill, S., Gilbert, N. M., & Lewis, A. L. (2020). *Gardnerella vaginalis* as a Cause of Bacterial Vaginosis: Appraisal of the Evidence From *in vivo* Models. *Frontiers in cellular and infection microbiology*, 10, 168. <https://doi.org/10.3389/fcimb.2020.00168>

- Ng, B. K., Chuah, J. N., Cheah, F. C., Mohamed Ismail, N. A., Tan, G. C., Wong, K. K., & Lim, P. S. (2023). Maternal and fetal outcomes of pregnant women with bacterial vaginosis. *Frontiers in surgery*, 10, 1084867. <https://doi.org/10.3389/fsurg.2023.1084867>
- O'Hanlon, D. E., Moench, T. R., & Cone, R. A. (2020). Asymptomatic bacterial vaginosis is associated with depletion of mature superficial cells shed from the vaginal epithelium. *Frontiers in Cellular and Infection Microbiology*, 10, 106. <https://doi.org/10.3389/fcimb.2020.00106>
- Ramos, L. P., Almeida, M. E., Freire, H. P. S., Pessoa, W. F. B., Rezende, R. P., & Romano, C. C. (2022). Antagonistic activity of *Lactiplantibacillus plantarum* 6.2 extracted from cocoa fermentation and its supernatant on *Gardnerella vaginalis*. *Anais da Academia Brasileira de Ciencias*, 94(3), e20210731. <https://doi.org/10.1590/0001-376520220210731>
- Ravel, J., Moreno, I., & Simón, C. (2021). Bacterial vaginosis and its association with infertility, endometritis, and pelvic inflammatory disease. *American journal of obstetrics and gynecology*, 224(3), 251–257. <https://doi.org/10.1016/j.ajog.2020.10.019>
- Sá Marques, C. A., Barros Henrique, P., da Silva Magalhães, H., Souza Melo, T., & Delorenzi, J. C. (2024). Atividade antimicrobiana de *Schinus terebinthifolia* Raddi, metronidazol, clindamicina e contra *Lactobacillus gasseri* Lauer and Kandler, in vitro, e suas implicações na vaginose bacteriana recidivante. *SciELO Preprints*. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9665>
- Santos, L. N. C. dos ., Andrade, J., Ignacio, M. A. de O., Barros, L. M., Nibi, S. Z., & Alencar, R. de A.. (2023). Pap smear performance in bacterial vaginosis diagnosis. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 32, e20220258. <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2022-0258en>
- Sousa, L. G. V., Pereira, S. A., & Cerca, N. (2023). Fighting polymicrobial biofilms in bacterial vaginosis. *Microbial biotechnology*, 16(7), 1423–1437. <https://doi.org/10.1111/1751-7915.14261>
- Swidsinski, S., Moll, W. M., & Swidsinski, A. (2023). Bacterial Vaginosis-Vaginal Polymicrobial Biofilms and Dysbiosis. *Deutsches Arzteblatt international*, 120(20), 347–354. <https://doi.org/10.3238/arztebl.m2023.0090>
- Vodstrcil, L. A., Muzny, C. A., Plummer, E. L., Sobel, J. D., & Bradshaw, C. S. (2021). Bacterial vaginosis: drivers of recurrence and challenges and opportunities in partner treatment. *BMC medicine*, 19(1), 194. <https://doi.org/10.1186/s12916-021-02077-3>